

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ – CAMPUS LONDRINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
SOCIAIS E DA NATUREZA - PPGEN**

DANIEL JOSÉ RIBEIRO

**O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PRODUÇÃO DE GÊNEROS
TEXTUAIS JORNALÍSTICOS POR ESTUDANTES**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LONDRINA

2016

DANIEL JOSÉ RIBEIRO

**O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PRODUÇÃO DE GÊNEROS
TEXTUAIS JORNALÍSTICOS POR ESTUDANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de “Mestre em Ciências Humanas, Sociais e da Natureza”.

Orientador: Prof. Dr. Givan José Ferreira dos Santos

LONDRINA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca UTFPR - Câmpus Londrina

R484u Ribeiro, Daniel José
O uso de tecnologias digitais na produção de gêneros textuais jornalísticos por estudantes / Daniel José Ribeiro. - Londrina : [s.n.], 2016.
100 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Givan José Ferreira dos Santos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. Londrina, 2016.
Bibliografia: f. 54-56.

1. Tecnologia educacional. 2. Redação de textos jornalísticos. 3. Jornalismo eletrônico. I. Santos, Givan José Ferreira dos, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. III. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. IV. Título.

CDD: 507



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Humanas, Sociais e da Natureza.
PPGEN



TERMO DE APROVAÇÃO

O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PRODUÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS JORNALISTICOS POR ESTUDANTES

por

DANIEL JOSÉ RIBEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada no dia 28 de julho de 2016 como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E DA NATUREZA pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN, Câmpus Londrina, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O mestrando foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO. (Aprovado ou Reprovado).

Prof. Dr. Givan José Ferreira dos Santos (UTFPR)

Orientador

Profa. Dra. Maria José de Rezende (UEL)

Membro Titular

Profa. Dra. Alessandra Dutra (UTFPR)

Membro Titular

Profa. Dra. Alessandra Dutra

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN.

O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza.

Dedico este trabalho de pesquisa e dissertação de Mestrado a Deus, a minha esposa Menira e minhas filhas Daniele, Gabriele e Menielle, aos demais familiares e a todas as crianças do Lar Anália Franco de Londrina. A todos que me acolheram, incentivaram e apoiaram minha luta diária nesse curso de mestrado. A Todos Com Muito Amor!

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação de mestrado e a elaboração de um produto educacional foram possíveis pela Graça de Deus, a minha esposa Menira e filhas Daniele, Gabriele e Menielle por todo o apoio. A minha mãe Maria Garcia de Oliveira (*in-memorian*), meus irmãos, Francisco, Jandira e Shirley, tios sobrinhos, primos, que em Londrina me adotaram e me amaram. Dedico este trabalho ao meu pai Vergílio Ribeiro dos Santos (*in-memorian*), às minhas irmãs consanguínea de Maringá (PR), que conheci recentemente, Maria, Benedita, Ana Maria e Jandira (*in-memorian*) e sobrinhos, e principalmente ao Lar Anália Franco de Londrina, orfanato que me abrigou, cuidou e educou com muito amor. Aos professores Ruy Mizobuti e Demilson e Patricia Vogt Parolim (Curso Mega). Agradeço à direção da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Londrina (UTFPR-LD) a dedicação de meus professores e colegas de curso que não mediram esforços em compartilhar tão profundo conhecimento. Agradeço a minha eterna diretora Claudia Costa Cabral do CEAM – Ortigueira (PR), e a colaboração de todos os alunos e direção dos colégios estaduais IEEL, Cema e Ceng, em Londrina (PR) e Cemca em Tamarana (PR), colégios que já atuei e trabalho nos dias de hoje, em especial aos alunos do 2ME e direção do Colégio Estadual Barão do Rio Branco de Londrina – Paraná, onde o produto educacional (Apêndice) foi colocado em prática. A todos os colegas professores da rede estadual de educação. Aos jornalistas Valdemir Camargo e Henrique Reis (Jornal União). A todos os amigos e amigas que me incentivaram.

Dedico essa dissertação também aos professores-doutores de minha graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina, em especial a minha eterna professora Maria José de Rezende com quem aprendi a amar o Magistério, o ser professor. Aos professores doutores da (UTFPR-LD) Mariana A. Bologna Soares de Andrade, Alcides Goya, Alessandra Dutra, Mauricio Menon e Marilu Marten Oliveira, Givan José Ferreira, Zenaide de Fátima Dante Correia Rocha, pois muito mudou a minha prática pedagógica.

Em especial agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Givan José Ferreira dos Santos que, ao lado da esposa Renata e do filho Pedro, abriu as portas de sua casa e me recebeu para as devidas orientações e por ter me acolhido como a um filho na difícil estrada de um curso de mestrado. Foram horas e horas de aulas e encontros e orientações, muitos e-mails trocados, além de palavras motivadoras. Muito aprendi com sua sabedoria e humildade. Obrigado meu Deus por você existir! Enfim, a todos que contribuíram para tornar realidade o sonho de uma diretora de jornal escolar digital.

“[...] desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais”. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 16

RIBEIRO, Daniel José. **O uso de tecnologias digitais na produção de gêneros textuais jornalísticos por estudantes**. 2016. 100f. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Londrina, 2016.

RESUMO

O ponto de partida da pesquisa desta dissertação de mestrado surgiu da observação diária do professor pesquisador quanto ao desinteresse dos alunos de Ensino Médio pelas atividades de leitura e produção de textos. A partir daí, pensou-se em propor uma contribuição para enfrentar esse problema no ensino escolar. Assim, resolveu aderir à ideia atual e desafiadora de desenvolver um projeto didático que aliasse a tecnologia digital - de modo geral tão bem recepcionada pelos adolescentes e jovens de hoje - ao trabalho pedagógico de compreensão e produção de gêneros textuais jornalísticos, significativos para uma participação social crítica. Logo, este estudo acadêmico-científico trata de diretrizes que professores e alunos precisam conhecer para criar um jornal escolar digital e pretende alcançar dois objetivos: elaborar e aplicar um conjunto de diretrizes teóricas e práticas para a criação de um jornal escolar digital, a fim de despertar nos estudantes do Ensino Médio interesse pelas atividades de leitura e produção textual, com a promoção de um ambiente interativo e colaborativo de aprendizagem; analisar os resultados da implementação do material didático proposto. O aporte teórico constitui-se de pressupostos da Educomunicação e da Teoria dos Gêneros Textuais. Em termos de metodologia, a pesquisa caracteriza-se como de campo, bibliográfica, descritiva, experimental e analítica. O produto educacional foi aplicado, em cinco encontros de duas aulas cada, junto a uma turma de 2º ano do Ensino Médio, de um colégio público da cidade de Londrina-Paraná, em 2015. Os resultados obtidos na aplicação foram bem satisfatórios: os alunos elaboraram gêneros textuais jornalísticos de boa qualidade, criaram o jornal escolar digital *Jornal Barão* e participaram ativamente e com entusiasmo do projeto. Isso demonstra a validade da utilização funcional das tecnologias informacionais na educação como uma alternativa propícia para a aprendizagem interativa e colaborativa de conhecimentos e para a (re)construção dos sujeitos sociais escolares.

Palavras-chave: Tecnologias educacionais. Jornal escolar digital. Produção de textos.

RIBEIRO, Daniel José. **The Use of Digital Technologies in The Production of Journalistic Genres By Students**. 2016. 100f. Dissertation (Professional Master's Program in Education Humanities, Social and Nature). Federal Technological University of Paraná. London, 2016.

ABSTRACT

The starting point of this research master's thesis emerged from the daily observation of the researcher teacher and the lack of interest of students from high school by reading and production of texts. From there, it was thought to propose a contribution to address this problem in school education. So, it decided to join the current and challenging idea of developing an educational project that allied digital technology - in general as well approved by adolescents and youth of today - the pedagogical work of understanding and production of journalistic genres, significant for social participation criticism. So this academic-scientific study deals with guidelines that teachers and students need to know to create a digital school newspaper and aims to achieve two objectives: develop and implement a set of theoretical guidelines and practices for the creation of a digital school newspaper in order to awakening in high school students interest in reading activities and text production, with the promotion of an interactive and collaborative learning environment; analyze the results of implementation of the proposed courseware. The theoretical framework consists of assumptions of Educommunication and Theory of Text Genre. In terms of methodology, the research is characterized as a field, literature, descriptive, experimental and analytical. The educational product was applied in five meetings of two classes each, along with a group of 2nd year of high school, a public school in the city of Londrina, Paraná, in 2015. The results in the application were well satisfactory: students developed journalistic genres of good quality, created the digital school newspaper *Jornal Barão* and participated actively and project enthusiasm. This demonstrates the validity of the functional use of information technologies in education as a good alternative for interactive and collaborative learning and knowledge for the (re) construction of school social subjects.

Keywords: Educational Technologies. Digital School Newspaper. Production of Texts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Relatório diário de gêneros textuais.....	18
FIGURA 2 - Traços característicos do gênero textual reportagem jornalística	18
FIGURA 3 - Domínios discursivos e gêneros textuais.....	20
FIGURA 4 - Definições de gêneros jornalísticos.....	21
FOTO 1- Colégio Estadual Barão do Rio Branco- Londrina- Paraná.....	27
FIGURA 5 - Atividade de reconhecimento de gêneros textuais.....	33
FIGURA 6 - Atividade de identificação de domínios discursivos.....	34
FIGURA 7 – Registro de atividade do aluno.....	35
FOTO 2 – Alunos estudam e debatem os gêneros textuais e domínios discursivos.....	36
FOTO 3 - Atividades de reconhecimento dos gêneros textuais jornalísticos.....	36
FIGURA 8 - Atividade escrita sobre o nome dos gêneros jornalísticos.....	38
FOTO 4 - Alunos recortam dos jornais impressos os gêneros jornalísticos.....	40
FIGURA 9 – Registro escrito de erro e correção do nome de gêneros jornalísticos.....	41
FIGURA 10: Levantamento de traços característicos de gêneros textuais jornalísticos pelos alunos.....	43
FOTO 5 - Alunos votam e escolhem Jornal Barão (JB) como nome do jornal escolar digital.....	44
FOTO 6 - O jornalista Henrique Reis palestra aos alunos.....	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	EDUCOMUNICAÇÃO.....	14
3	TEORIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS.....	17
3.1	Gênero textual e domínio discursivo.....	17
3.1.1	Gêneros textuais jornalísticos.....	21
3.1.2	Hipergênero textual	23
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
4.1	IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	27
5	DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
	REFERÊNCIAS.....	54
	APÊNDICE – PRODUTO EDUCACIONAL (JORNAL ESCOLAR DIGITAL: RECURSO TECNOLÓGICO E DIDÁTICO NA PRODUÇÃO DE TEXTOS).....	57
	ANEXO – JORNAL ESCOLAR DIGITAL – JORNAL BARÃO.....	94

1 INTRODUÇÃO

Apesar do reconhecimento de todos os esforços pedagógicos, o processo de ensino aprendizagem de leitura e produção de textos nas escolas públicas brasileiras – particularmente nas séries do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio – enfrenta sérias dificuldades junto aos estudantes, por exemplo, o desinteresse e o baixo desempenho dos alunos.

Tornar essas atividades escolares atrativas e produtoras passou a ser um desafio para os professores das diferentes disciplinas curriculares. Na busca de alternativas didáticas, o uso da informática no ambiente educacional pode contribuir para o enfrentamento desse quadro problemático (MARQUES DE MELLO e ASSIS, 2010; MARCUSCHI e XAVIER, 2010; COSCARELLI e RIBEIRO, 2011; GONÇALVES e BAZARIM, 2013; BRASIL ESCOLA, 2015; BONINI, 2011; TAJRA,1998).

Em termos de realidade atual brasileira, a informática está presente cada vez mais no cotidiano das pessoas em suas casas, nas escolas, no trabalho, enfim nos diversos ambientes sociais. Por isso, ciente da existência de contraposições ao emprego das tecnologias computacionais na educação “[...] há os que acreditem que a inserção delas em salas de aula mecanizará os alunos, desempregará os professores e desvirtuará os efeitos do processo de ensino – aprendizagem [...]” COX, 2008, p.10), assume-se neste estudo a postura de que a produção textual escolar com a utilização da informática, com a devida orientação dos professores, pode se tornar uma atividade pedagógica atraente e eficaz, à medida que os educandos utilizam ferramentas tecnológicas digitais para produzir e editar textos, uma vez que a tecnologia tem se destacado através de vários instrumentos de mídia eletrônica com um grande volume de textos e informações divulgados em rádio, tv, internet, revistas, jornais, entre outros.

De acordo com as fontes de referência citadas acima, muitos professores brasileiros estão aderindo às novas tecnologias como forma de diversificar metodologias de ensino e aprendizagem de conhecimentos científicos, desenvolvendo projetos criativos que incluem atividades de ler e produzir textos escritos. Esses educadores coadunam com aqueles que são favoráveis à inserção

funcional das tecnologias informacionais na educação como meio de criar condições para uma aprendizagem científica mais motivadora, interativa e colaborativa pelos alunos, e prepará-los para uma participação social crítica através da leitura e produção textual.

A partir dessas reflexões, esta dissertação tematiza a criação de um jornal escolar digital como recurso tecnológico e didático para a promoção da leitura e produção textual por estudantes do Ensino Médio. Dessa forma, surge a problemática de pesquisa: Quais diretrizes professores e alunos precisam conhecer para criar um jornal escolar digital? Esta questão encontra justificativa e eco nas ponderações de Souza, (2002, p.58): “Além do mais, por dar prioridade aos fatos sociais que ocorrem em determinada sociedade, o jornal constitui excelente material didático para o ensino de leitura e produção de texto”. Assim, este trabalho de pesquisa pretende alcançar dois objetivos básicos:

1) elaborar e aplicar um conjunto de diretrizes teóricas e práticas sobre gêneros textuais jornalísticos e ferramentas tecnológicas para a criação de um jornal escolar digital, a fim de despertar nos estudantes do Ensino Médio o interesse pelas atividades de leitura e produção de textos, com a promoção de um ambiente interativo e colaborativo para a aprendizagem;

2) analisar os resultados da implementação do material didático proposto.

O produto educacional fruto deste estudo (ver Apêndice) apresenta aporte teórico da Educomunicação e da Teoria dos Gêneros Textuais, sobretudo no que tange à constituição de um jornal digital e à produção de gêneros textuais jornalísticos. Os pressupostos científicos são tratados em seções próprias. A pesquisa se realiza junto a uma turma do 2º ano de um colégio público em Londrina, Paraná e se caracteriza metodologicamente como de campo, bibliográfica, descritiva, experimental e analítica. Uma descrição mais aprofundada dos procedimentos metodológicos aparece em seção específica.

Em termos de organização, esta dissertação contém seis seções. Nesta Introdução, primeira seção, estão informados os elementos centrais da pesquisa. Na segunda seção, discorre-se sobre princípios e procedimentos da Educomunicação e sua importância para a mediação pedagógica com produção de textos no contexto

educacional. Na terceira seção, o foco recai sobre saberes e práticas da Teoria dos Gêneros Textuais essenciais para a leitura e produção competente de gêneros textuais jornalísticos. Na quarta seção, descrevem-se as escolhas e informações metodológicas do estudo. Na quinta seção, analisam-se os resultados obtidos com a aplicação do produto educacional proposto e reflete-se a respeito das posturas docentes e discentes no processo. Na sexta e derradeira seção, há a retomada da questão e dos objetivos de pesquisa e exposição de considerações sobre os principais resultados alcançados.

2 EDUCOMUNICAÇÃO

Os meios de comunicação de massa são compostos pela televisão, jornal, rádio, revista e a internet e podem contribuir com o processo de formação social e de aprendizagem científica no contexto educacional. Portanto, os meios de comunicação são ferramentas que os educadores podem utilizar no trabalho pedagógico para estimular e desenvolver a leitura e a produção de textos nos alunos.

Essa integração do sistema de educação com os meios de comunicação de massa é conhecida como Educomunicação e consiste em um conceito metodológico e pedagógico que possibilita a produção colaborativa de conteúdos entre os participantes, pela utilização de recursos tecnológicos disponíveis. Assim, a Educomunicação pode ser viabilizada nos diferentes ciclos de escolaridade, sobretudo nas séries finais do Ensino Fundamental II e nas séries do Ensino Médio, e em qualquer disciplina científica. Na Educomunicação são utilizados: rádio escolar, rádio virtual, jornal comunitário, *videogames*, *softwares* de aprendizagem *online*, *podcasts*, *blogs*, fotografias, projetos de entrevistas e reportagens executadas pelos estudantes, jornal escolar digital, entre outras iniciativas.

Essa teoria da Educomunicação destoa da teoria crítica de Jean Baudrillard, defendida na obra “Tela Total” (2005), onde o autor diz não acreditar na possibilidade de utilização crítica das novas tecnologias. Postulantes da Teoria Crítica, originária da Escola de Frankfurt em 1924 na Alemanha, como Baudrillard, apontam que os meios de comunicação de massa são empregados por agentes políticos e econômicos que objetivam, essencialmente, o consumo e o lucro, provocando consequências danosas à formação crítica do cidadão, por exemplo, uniformização dos sujeitos sociais e alienação aos princípios da classe socioeconômica dominante. Ciente dessa crítica, este estudo acadêmico-científico assume a posição de que o uso funcional e contextual de tecnologias digitais no âmbito da educação pode ser produtivo para o processo de ensino e aprendizagem de conhecimentos científicos e favorecer a reflexão crítica dos alunos em relação aos fatos sociais cotidianos.

Em seu artigo “Mas, Afinal, o Que é Educomunicação?”, o professor Ismar de Oliveira Soares (2010), do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), um dos pioneiros na área de Educomunicação no Brasil, define a Educomunicação como um conjunto das ações destinadas a:

- 1 - integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação (cumprir o que solicita os PCN no que diz respeito a observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com nossos alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular. Esta é a razão de tantas palestras sobre a comunicação e suas linguagens);
- 2 - criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos (o que significa criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos. Muitas das dinâmicas adotadas no Educom apontam para as contradições das formas autoritárias de comunicação).
- 3 - melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas (Para tanto, incluímos o rádio como recurso privilegiado, tanto como facilitador no processo de aprendizagem, quanto como recurso de expressão para alunos, professores e membros da comunidade) (SOARES, 2010).

Nesse sentido, o conceito de Educomunicação refere-se à utilização positiva dos meios de comunicação para produzir informação e conhecimento científico, através do desenvolvimento de projetos educacionais com o uso de TV, internet, jornal escolar digital ou impresso, entre outros.

A Educomunicação ganhou espaço na nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996. Esse documento do Governo Federal preconiza a inserção de tecnologias de comunicação dentro da escola para contribuição com a aprendizagem de conteúdos científicos, tecnológicos e linguísticos, entre outros.

Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:

I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II - adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes; [...]

§ 1º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem. (BRASIL, 1996).

Ainda de acordo com proposições governamentais, a implementação de projetos pedagógicos a partir de propostas da Educomunicação possibilita, além das contribuições já mencionadas, outros benefícios no funcionamento no processo de educação escolar, tais como: alunos pró-ativos e interessados no aprendizado; uso de recursos didáticos atuais e estimuladores à aprendizagem dos alunos; inclusão, no trabalho pedagógico, de experiências reais vivenciadas pelos alunos; adoção de práticas docentes versáteis e não habituais; interpretação reflexiva da realidade extraescolar; integração dos estabelecimentos educacionais como outros segmentos da sociedade; e outros.

O grande desafio da educomunicação é fazer os alunos colocarem a “mão na massa”, produzindo materiais de qualidade sobre os conteúdos abordados. Através do trabalho desenvolvido pela educomunicação, os professores conseguem resgatar o centro de interesse dos alunos, que antes se mostravam desmotivados diante do processo de aprendizagem, pois saem da mesmice da sala de aula, desenvolvendo um processo dinâmico e prazeroso, e acompanha os fatos do cotidiano, muito além dos livros didáticos (BRASIL ESCOLA, 2015).

Dessa forma, pode se afirmar que a Educomunicação é uma aposta positiva. Não se sabe ao certo como se dará o resultado final. Pois, se aplicada agora, leva um tempo para saber se deu mesmo resultados positivos ou não.

Com respaldo nessas considerações sobre princípios da Educomunicação, acredita-se que a proposta desta dissertação de apresentação de diretrizes para a criação de um jornal escolar digital, como recurso tecnológico educacional de uso de múltiplas linguagens e inserção em diversos setores da sociedade, torne mais interessante e fecundo para alunos e professores o trabalho de leitura e produção de gêneros textuais jornalísticos, que serão abordados na próxima seção.

3 TEORIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS

A partir da década de 1990, com base em postulações de Bakhtin (1992), as práticas de ensino escolar de compreensão e produção de textos passaram a ter como foco de estudo os gêneros textuais produzidos nos diversos domínios discursivos que formam o amplo corpo da sociedade (BKONCART, 1999; MARCUSCHI, 2002 e 2008; ROJO, 2000; NASCIMENTO, 2009; BAZERMAN, 2011; SANTOS, 2013 e 2014; SCHNEUWLY e DOLZ, 2004). Esses estudiosos da linguagem e dos textos defendem a tese de que, se aplicadas no Ensino Fundamental e Médio, essa perspectiva teórica e metodológica “favorece a melhoria qualitativa dos textos dos alunos e amplia suas possibilidades de participação e transformação social.” (SANTOS, 2013, p. 42)

3.1 GÊNERO TEXTUAL E DOMÍNIO DISCURSIVO

Luiz Antônio Marcuschi, um renomado pesquisador brasileiro da linguagem humana, assim conceitua gênero textual:

Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositadamente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características *sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. [...] os gêneros são muitos. Alguns exemplos de gênero textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate papo por computador, aulas virtuais e assim por diante* (MARCUSCHI, 2002, p. 22-23, grifos do autor)

Esse conceito de gênero textual remete a um conjunto de considerações relevantes, algumas levantadas aqui. Primeiro, os gêneros textuais constituem os textos que as pessoas produzem ou são destinatárias nas relações sociais e comunicativas estabelecidas no convívio diário. Portanto, ter uma habilidade satisfatória para compreender e elaborar gêneros textuais diversos torna-se fundamental para a pessoa conquistar êxito nos diferentes grupos sociais dos quais participa cotidianamente, por exemplo, família, trabalho, escola. Segundo, os gêneros textuais funcionam como elemento de organização das atividades sociais cotidianas de cada pessoa, pois a rotina diária pessoal começa, desdobra-se e

termina com a recepção e produção de um conjunto de gêneros, como no exemplo da figura 1 a seguir:

Oração do Pai-Nosso → salmo → conversa espontânea → notícias jornalísticas → mapa meteorológico → anotações de agenda → bilhete → *e-mail* → mensagens de celular → placas de trânsito → placas de nomes de rua letreiros de lojas → *outdoors* → entrevista de emprego → conversa telefônica → cardápio → cédulas de dinheiro → nota fiscal → extrato bancário → fatura de cartão de crédito → reunião na empresa → ata → requerimento → histórico escolar → aula presencial → telejornal.

Figura 1 – Relatório diário de gêneros textuais.
Fonte: do autor da pesquisa

Uma terceira ponderação significativa a respeito da definição proposta por Marcuschi refere-se à caracterização dos gêneros textuais que apresentam, basicamente, os seguintes traços identificadores: nome específico, contexto de produção e recepção (autor, destinatário, tempo e lugar de produção e recepção, suporte físico que carrega o gênero, entre outros aspectos); tema/conteúdo; função/objetivo de produção; organização/construção composicional; linguagem/estilo. Em decorrência dessa compreensão, pressupõe-se um comportamento didático do professor que propicie aos alunos a construção desses saberes relativos aos gêneros textuais selecionados para estudo e produção. Com base em proposição de Bronckart (1999), Schueuwly e Dolz (2004), Koch e Elias (2012), Santos (2013, 2014), montou-se o quadro da figura 2 com as principais características do gênero textual reportagem jornalística, que precisam ser adquiridas pelos alunos no trabalho pedagógico com o referido gênero.

TRAÇOS CARACTERÍSTICOS	GÊNERO TEXTUAL
a) nome específico	Reportagem
b) contexto de produção e recepção <ul style="list-style-type: none"> • autor • leitor previsto • suporte (material físico que carrega o gênero) • tempo de produção • local de produção • evento deflagrador da produção 	<ul style="list-style-type: none"> • jornalista • comunidade leitora do jornal • papel jornal, computador • dias antes da publicação • na sede do jornal ou outro lugar • necessidade profissional ou outro motivo

c) tema/conteúdo	fatos relevantes para o público-leitor
d) objetivo/função	informar, com profundidade, a comunidade leitora a respeito dos acontecimentos narrados e emitir comentários avaliativos sobre aspectos relatados
e) organização básica/estrutura	construída em parágrafos, apresentando geralmente os seguintes elementos: título; subtítulos com blocos de informações (costuma ter fotos ilustrativas); assinatura do autor;
f) linguagem adequada	predomínio da escrita formal, clara, coerente, coesa, concisa (porém com extensão maior que a da notícia), em geral na 3ª pessoa gramatical

Figura 2 – Traços característicos do gênero textual reportagem jornalística
Fonte: do autor da pesquisa.

Nessa perspectiva, Santos ressalta:

[...] De fato, para a pessoa chegar a uma satisfatória proficiência na leitura e produção de um determinado gênero textual, ela necessita construir previamente na memória, com clareza e consistência, um modelo didático do gênero selecionado para apropriação (SANTOS, 2014, p.15).

De acordo com postulantes da Teoria dos Gêneros Textuais (MARCUSCHI, 2012; KOCH E ELIAS, 2012; SANTOS, 2013), a noção de gênero textual não se confunde com a de domínio discursivo, embora haja uma relação indissociável entre elas. O gênero textual, como já visto anteriormente, é o texto em si mesmo, material linguístico concreto. Por sua vez, o domínio discursivo caracteriza-se como ambiente ou meio social onde os gêneros textuais são produzidos e lidos pelas pessoas. Nessa ótica, um domínio discursivo consiste numa comunidade social específica que produz e faz circular na sociedade um conjunto peculiar de gêneros textuais, em razão de determinadas características dos integrantes de tal comunidade, por exemplo, conhecimento e interesses. São exemplos de domínio discursivo: cotidiano familiar, escola (colégio), academia (universidade/faculdade), empresas/comércio, literatura, jornalismo, mídia digital, religião, direito, publicidade.

Para melhor compreensão da ideia de distinção entre gênero textual e

domínio discursivo, cabe o seguinte esclarecimento:

Usamos a expressão domínio discursivo para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas (MARCUSCHI, 2002, p. 23- 24).

O quadro da figura 3 traz uma amostra de alguns domínios discursivos e exemplos de gêneros textuais produzidos neles.

<u>Domínios discursivos</u>	<u>Gêneros textuais</u>
Literatura	Poema, conto, crônica, romance, novela, fábula, biografia, autobiografia, narrativa fantástica...
Jornalismo	Notícia, reportagem, entrevista, editorial, artigo, crônica, foto-legenda, carta de leitor, resenha, enquete...
Academia	Plano de aula, aula presencial, aula virtual, resumo, resenha, artigo, projeto de pesquisa, palestra, requerimento, dissertação de mestrado...

Figura 3 - Domínios discursivos e gêneros textuais.

Fonte: do autor da pesquisa.

Nesse contexto teórico, é notável a relevância do trabalho com gêneros textuais no âmbito da educação básica:

No ensino de uma maneira geral, e em sala de aula de modo particular, pode-se tratar dos gêneros na perspectiva aqui analisada e levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos lingüísticos os mais diversos, tanto escritos como orais, e identificarem as características de gênero em cada um, é um exercício que além de instrutivo, também permite praticar a produção textual. Veja-se como seria produtivo pôr na mão do aluno um jornal diário ou uma revista semanal com a seguinte tarefa: "identifique os gêneros textuais aqui presentes e diga quais são as suas características centrais em termos de conteúdo, composição, estilo, nível lingüístico e propósitos". É evidente que essa tarefa pode ser reformulada de muitas maneiras, de acordo com os interesses de cada situação de ensino. Mas é

de se esperar que por mais modesta que seja a análise, ela será sempre muito promissora (MARCUSCHI, 2002, p.35).

Levando em conta as recomendações de Marcuschi, registradas acima, esta pesquisa explora com alunos do Ensino Médio atividades de análise e elaboração de gêneros textuais jornalísticos.

3.1.1 Gêneros textuais jornalísticos

Em consonância com explicitações anteriores, no domínio discursivo jornalismo é produzido um conjunto específico de gêneros textuais significativos, pois tratam de fatos sociais e discursos que influenciam o pensamento, a linguagem e as atitudes das pessoas no cotidiano. Logo, o professor promover em sala de aula uma mediação pedagógica sistemática e reflexiva sobre determinado gêneros jornalísticos constitui uma iniciativa fértil para levar os estudantes a desenvolverem a competência leitora e produtora desses gêneros, a fim de prepará-los para uma participação mais ativa nos diversos setores da sociedade.

Nas atividades exploradas nesta dissertação, foram trabalhados com os alunos os gêneros jornalísticos listados e definidos no quadro da figura 4. A escolha de tais gêneros e as suas definições se pautam em propostas de estudiosos como Alves Filho (2011), Anhussi (2009), Bonini (2011, 2008, 2004,2003), Bueno (2011), Costa (2010), Rojo (2000), Santos (2013, 2014).

GÊNEROS TEXTUAIS JORNALÍSTICOS	DEFINIÇÕES
Artigo	Geralmente é produzido e assinado por um especialista em determinada área do conhecimento e que não pertence ao corpo editorial do jornal. O autor aborda assuntos atuais e polêmicos com a intenção de influenciar a opinião ou o comportamento dos leitores. O texto se organiza basicamente com um título, apresentação da idéia a ser defendida, argumentação e reafirmação de posição assumida no texto. É elaborado na escrita formal, em 1ª ou 3ª pessoa gramatical.
Carta de leitor	É escrita por um (a) leitor (a) de jornal ou revista e pode tratar de temas de interesse comunitário ou pessoal. O (A) autor (a) pode querer conquistar distintos objetivos como: elogiar ou criticar matérias jornalísticas anteriormente publicadas, reclamar de serviços públicos, solicitar orientação ou conselhos, entre outros. Pode ter uma estrutura textual na forma de pergunta direta, relato de experiência pessoal ou organização em título, parte inicial com um ponto de vista a ser defendido, argumentação e reafirmação do posicionamento tomado.

	Pode ser em escrita formal ou informal, conforme o público destinatário, em 1º ou em 3ª pessoa gramatical e extensão breve.
Crônica	É produzida por um cronista, uma espécie de repórter-escritor, que trata de temas e acontecimentos relativos à existência humana ou ao cotidiano das pessoas, sob uma visão subjetiva e crítica para levar o leitor à reflexão sobre as ideias abordadas. Sua estrutura textual costuma apresentar três partes: situação inicial, conflito e situação final ou resolução de conflito. Quanto à linguagem, pode haver predominância da escrita formal ou combinação de trechos em escrita formal e informal, com emprego da 1ª ou 3ª pessoa gramatical conforme a escolha de cada cronista. .
Editorial	É um texto produzido pela equipe de redação de um jornal e publicado sem assinatura de um autor específico. Os temas discutidos, os objetivos pretendidos, a organização textual básica e linguagem característica são semelhantes aos do gênero artigo.
Entrevista	Embora seja produzida em co-autoria entre entrevistador e entrevistado geralmente com seus nomes identificados, quem assume a autoria é o entrevistador que tem o objetivo de divulgar informações, particularidades, conhecimentos, opiniões, entre outros aspectos, da vida do entrevistado. Vem organizado na forma de perguntas e respostas, com predomínio da escrita formal no texto, da 3ª pessoa gramatical nas perguntas e da 1ª pessoa nas respostas. O entrevistado é quase sempre pessoa de destaque, permanente ou circunstancial, e as perguntas não são todas respondidas com boa vontade e disposição, mas conseguidas com astúcia e tato por parte do entrevistador. Permite ao leitor conhecer opiniões das pessoas envolvidas num fato ocorrido, por exemplo.
Foto-legenda	Geralmente não traz assinatura do jornalista autor e retrata cenas, temas ou fatos surpreendentes, intrigantes da vida urbana ou rural de uma sociedade. Pode ser produzida para alcançar diferentes objetivos, por exemplo, provocar a reflexão, denunciar injustiças, informar acontecimentos, fazer rir. É composta, normalmente, de foto, título e relato ou comentário curto. Sua linguagem característica costuma ser a escrita formal em 3ª pessoa gramatical.
Notícia	Pode vir ou não assinada pelo jornalista autor que relata um fato atual e interessante para um grupo de leitores ou para a sociedade em geral. Seu principal objetivo de produção é informar o leitor sobre os acontecimentos ocorridos e não costuma apresentar comentários críticos ou interpelações pessoais do produtor do texto. Sua estrutura é formada, em geral, de título, lide (primeiro parágrafo que resume as informações básicas da notícia), corpo (parte que acrescenta dados ao lide) e assinatura (nome do autor). Pode ser ou não acompanhada de foto. A linguagem característica predominante é a escrita formal, em 3ª pessoa gramatical e com extensão breve.
Reportagem	Normalmente vem assinada pelo autor que relata, de maneira mais aprofundada que a notícia, fatos relevantes para o público leitor. À semelhança da notícia, sua função é informar a comunidade leitora a respeito dos acontecimentos narrados, no entanto diferentemente da notícia, é comum o autor emitir opinião ou comentários subjetivos sobre algo abordado no texto. Sua organização textual vem geralmente acompanhada de título, subtítulos com blocos de parágrafos e assinatura do autor. É comum a presença de fotos ilustrativas. Em geral, prevalece a escrita formal, em 3ª pessoa gramatical e com extensão maior em comparação com a notícia.

Figura 4 - Definições de gêneros jornalísticos.

Fonte: do autor da pesquisa.

Mais relevante que compreender classificações, nomes e conceitos dos gêneros textuais, é entender o seu uso funcional, isto é, como os diversos grupos sociais utilizam esses gêneros em seu dia a dia:

A nova concepção de gêneros entende que são os usuários cotidianos dos gêneros os sujeitos responsáveis pelo uso, mudança, manutenção e nomeação dos gêneros (isso não é exclusividade dos estudiosos da linguagem e/ou professores de redação e leitura). Por esta razão, para realizar um trabalho adequado com os gêneros em sala de aula os estudiosos necessitam ir ao encontro das pessoas que usam cada gênero para compreender quais saberes e habilidades são postos efetivamente em prática no uso dos gêneros. O professor de línguas ou de redação não pode supor que ele sozinho detém todo o saber necessário para o processo de ensino-aprendizagem de textos, embora ele detenha saberes extremamente relevantes. Mas há informações sobre contextos e as funções dos textos que apenas os profissionais que lidam com eles cotidianamente poderão explicar em detalhes (ALVES FILHO, 2011. p. 19-20.).

Portanto, o ensino de gêneros textuais jornalísticos em sala de aula pressupõe que o professor domine e explicita aos alunos modos de funcionamento social dos gêneros selecionados para estudos, a fim de que eles assimilem, de maneira segura e crítica, conhecimentos relevantes para a leitura e produção eficientes desses gêneros. Para favorecer a apreensão de conhecimentos teóricos e práticos pelos estudantes a respeito dos gêneros jornalísticos, podem ser promovidas iniciativas pedagógicas como palestra com jornalistas profissionais, visita da turma à sede de empresas jornalísticas, entre outras. Esse contato direto e real com profissionais, rotinas, práticas, textos e linguagem do jornalismo pode tornar mais motivadoras e produtivas as atividades didáticas escolares.

3.1.2 Hipergênero textual

É importante ressaltar a distinção entre gênero e hipergênero textual, termo já discutido por Bonini (2001, 2003, 2005). Em uma mídia circulam gêneros (um comercial na TV, por exemplo), mas também gêneros compostos de outros gêneros (por exemplo, um telejornal que traz notícias, reportagens, mapa meteorológico, gráficos e outros). Assim, o hipergênero é concebido como um gênero textual amplo e complexo que contém um agrupamento de outros gêneros textuais produzidos de forma autônoma na sociedade. Além do telejornal, são considerados hipergêneros

textuais: jornal impresso ou digital, revista, Bíblia, almanaque, diário de bordo, fórum de discussão, *chat*, pasta de arquivos, página de um *site*, entre outros.

Portanto, é nesse contexto que a proposta desta dissertação se insere como mediação tecnológica e didática (utilização das tecnologias em sala de aula com intencionalidade educativa), mediação de produção de gêneros textuais para a criação de um jornal escolar digital.

Acredita-se que a utilização do material didático proposto pode despertar nos estudantes o gosto pelo trabalho coletivo na produção do jornal e o interesse pela leitura e conhecimentos da Língua Portuguesa através de técnicas de redação que tendem a melhorar a qualidade dos textos elaborados pelos alunos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de despertar nos alunos o interesse pela leitura e produção de texto, bem como possibilitar para eles o desenvolvimento do senso crítico em relação à sua participação social, o professor pesquisador implementou o projeto pedagógico de criação de um jornal digital em uma turma de segundo ano do Ensino Médio, em um colégio estadual onde atuava como professor regente.

Em razão do professor-pesquisador atuar como docente em cinco escolas estaduais (Barão do Rio Branco, IEEL, Machado de Assis, João Rodrigues, Escola Estadual Eldorado, todas em Londrina - PR), foi preciso inicialmente proceder à escolha da turma e da série onde o projeto pudesse ser executado com participação dos estudantes do Ensino Médio.

Foram feitas várias consultas junto aos alunos e às direções dos colégios acima citados (exceção feita à Escola Eldorado que não tem Ensino Médio) sobre a viabilidade da participação no projeto. A decisão final pelo 2ºME do Colégio Estadual Barão do Rio Branco foi tomada após várias reuniões com os próprios alunos que se comprometeram de pronto a participar ativamente do projeto, além do apoio efetivo da diretora Jéssica Pieri, que desde o início acatou a iniciativa.

O projeto pedagógico foi executado em 5 encontros práticos de 2 horas cada realizados entre os meses de junho e outubro de 2015. Nos encontros, ocorreram aulas teóricas, práticas de leitura e produção textual, estudos em grupos, orientações para elaboração do jornal, entre outras ações didáticas.

Conforme o professor Cesar Baraldi - do Núcleo Regional de Educação de Londrina, ao professor realizar atividades dinâmicas e criativas, como a proposta de criação de um jornal escolar digital, os alunos se alegrarão e se frustrarão, e isto faz parte do fortalecimento emocional. O que pode gerar uma subjetividade - traduzida em expectativas, disposições, entre outras - de grande importância para a formação dos alunos. O engajamento dos estudantes poderá produzir resultados objetivos, por exemplo, melhores notas, aproveitamento maior nas disciplinas, entre outras; e subjetivos, por exemplo, maior disposição para compartilhar experiências, perspectivas mais positivas sobre o ato de aprender e ensinar, entre outros.

“...Este envolvimento emocional faz com que queiram entender as situações vividas, além de criar um clima amistoso e de confiança entre professor e alunos, rompendo distâncias entre eles e favorecendo a criação de um ambiente para a construção ativa e colaborativa de conhecimento”, (LIMA, 2012. p. 351 - 352).

Em conformidade com as informações contextuais acima descritas, esta pesquisa apresenta a seguinte caracterização metodológica: de campo, bibliográfica, descritiva, experimental e analítica. Santos (2007) expõe esclarecimentos sobre a pesquisa de campo:

O campo é o lugar natural onde acontecem os fatos/fenômenos/processos. A pesquisa de campo é aquela que recolhe os dados *in natura*, como percebidos pelo pesquisador. Normalmente, a pesquisa de campo se faz por observação direta [...] (SANTOS, 2007, p. 29).

A pesquisa de campo em educação apresenta muitas facetas, uma das possibilidades é aquela feita em sala de aula, como acontece com a investigação científica desta dissertação, já que envolveu uma turma de estudantes de Ensino Médio de um colégio público.

Ao valer-se de diversificadas fontes impressas e eletrônicas para a composição do aporte teórico sobre o tema pesquisado, este trabalho configura-se em pesquisa bibliográfica, conforme a seguinte abonação:

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, essa modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, essas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet (GIL, 2010, p. 29).

Este estudo científico identifica-se ainda como pesquisa descritiva, em virtude das descrições sistemáticas referentes ao tema escolhido para investigação e ao processo empreendido, (SANTOS, 2007, p. 28). Isso se mostra, sobretudo, no uso da categoria teórica gêneros textuais jornalísticos: conceitos, exemplos, atividades de aplicação e análise de desempenho dos alunos.

Para Gil (2010), a pesquisa experimental:

Consiste essencialmente em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis capaz de influenciá-lo e definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto. Trata-se, portanto, de uma pesquisa em que o pesquisador é um agente ativo, e não um observador passivo, (GIL, 2010. p. 32).

No entendimento de Santos (2007, p. 48), “Analisar é explicar e criar uma teoria aceitável a respeito de um fato/fenômeno/processo”. Em razão da testagem em sala de aula do produto educacional elaborado (Apêndice) e do tratamento analítico dado aos resultados obtidos a partir da sua aplicação, esta pesquisa enquadra-se também nas modalidades experimental e analítica.

4.1 IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Os procedimentos metodológicos foram aplicados junto aos alunos do 2ºME do Colégio Estadual Barão do Rio Branco, localizado na Rua Silvio Pegoraro 20, CEP 86.015-490, Jardim Petrópolis sub-área central em Londrina - Paraná. O colégio oferece Ensino Fundamental (9) e Ensino Médio regular, além de atividade complementar como o Ensino de Espanhol em horário de contraturno. Sua diretora é a professora de História, Jessica Elizabeth Goncalves Pieri e vice diretora a professora de Língua Português e Estrangeira (Inglês), Ana Cristina Sayuri Ogawa.



Foto 1- Colégio Estadual Barão do Rio Branco- Londrina- Paraná. Fonte: Facebook, 2015.

O Colégio Estadual Barão do Rio Branco foi criado pelo Decreto nº 10 748 de 26 de janeiro de 1963, sendo Governador do Estado o Sr. Ney Aminthas de Barros Braga e o Secretário de Educação e Cultura do Paraná o Sr. Jucundino da Silva Furtado. Denominada na época como “Grupo Escolar do Jardim Londrilar”, sua primeira matrícula atingiu o número de 193 alunos, divididos em 07 classes. Em 1964 a Escola passou a denominar-se “Grupo Escolar do Jardim Petrópolis”, tendo como diretora a professora Paulina Cesar Silveira que ocupou o cargo até 1971.

Em 1970 a escola teve seu nome alterado para “Grupo Escolar Barão do Rio Branco” pelo decreto nº 21.025 de 11/09/70. A Biblioteca “Dr. Olavo Ferreira da Silva” foi instalada oficialmente no ano 1972 e contava com total de 948 livros. Neste mesmo ano a Escola entrou para a reforma do ensino, passando a pertencer ao Complexo Educacional “José de Anchieta”, quando foram implantados os currículos de 1ª e 2ª séries, sendo os de 5ª séries, em caráter experimental, observando-se as disposições legais.

Em 1975 o nome do estabelecimento mudou para Escola Barão do Rio Branco – Ensino de 1º Grau pelo decreto no. 1466 de 30/12/75 e retornou à direção a professora Paulina Cesar Silveira que permaneceu no cargo até 1979. No ano de 1983 a Escola passou a denominar-se Escola Estadual Barão do Rio Branco - Ensino de 1º grau. No final de 1993 a professora Marilena Dias de Mattos assumiu a direção. No ano de 1998 a Escola teve novamente seu nome alterado para Escola Estadual Barão do Rio Branco – Ensino Fundamental. A professora Marilena Dias de Mattos exerceu o cargo de direção até o ano de 2001. A partir de 22/01/08 pela Resolução 247/08 este Estabelecimento de Ensino, localizado atualmente na Rua Silvio Pegoráro, 20, Jardim Londrilar, em Londrina, passou a denominar-se Colégio Estadual Barão do Rio Branco - Ensino Fundamental e Médio, com abertura da primeira turma do Ensino Médio. Mas desde 2007, o Colégio Barão do Rio Branco atende a alunos do ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, (regular, a partir de 2008), com funcionamento na parte da manhã (EM) e à tarde (EF), distribuídos em 15 salas de aula.

O estabelecimento possui ainda sala de diretoria, sala de professores com mesas, cadeiras e sofás para descanso dos profissionais, sala de secretaria, laboratório de informática, laboratório de ciências, biblioteca, uma sala de vídeo

dotado de modernos equipamentos, cozinha, sanitários, inclusive adequados a alunos com deficiência física, quadra de esportes coberta (fora na área da escola), despensa, um amplo pátio e salão coberto onde os alunos se concentram tanto na entrada quanto na hora do intervalo.

Os equipamentos existentes são: videocassete (2), aparelho de televisão (15), impressora (4), aparelho de som (2), projetor de multimídia/data show (1), computadores (23) - sendo 11 para uso administrativo e 12 para uso dos alunos.

Um total de 87 profissionais da educação (professores e funcionários) trabalham na escola. Ao todo são 515 alunos no Ensino Fundamental (9 anos), mais 522 estudantes no Ensino Médio e cerca de 59 alunos em atividade complementar como o Ensino de Espanhol em contraturno, num total de 1.035 estudantes. No Ensino Médio são em média 35 alunos por sala. As salas se encontram em bom estado de conservação tanto no quesito de carteiras e mesas quanto o quadro de giz quadriculado. A merenda servida aos alunos ofertada pelo Governo do Estado é de boa qualidade.

Por falta de espaço físico, os laboratórios de Física e Química ainda não foram implementados, apesar de já terem sido disponibilizados os materiais necessários para seu funcionamento. A direção, no entanto, trabalha junto ao Governo do Estado do Paraná para melhorar a infraestrutura predial e assim disponibilizar um local para experimentos práticos dos alunos. Além disso, o prédio de três andares não dispõe de acesso a alunos cadeirantes. O acesso às salas de aula (exceção feita ao térreo) é feita por escadas.

Para o cumprimento e execução de suas finalidades, esta unidade educacional é composta pelos seguintes órgãos:

1. Direção;
2. Secretaria;
3. Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar;
4. Coordenação Pedagógica;

5. Corpo Docente;
6. Corpo Discente;
7. Conselho de Classe;
8. Grupo Técnico Administrativo Educacional;
9. Grupo de Apoio Administrativo Educacional;
10. Biblioteca Escolar.

O Colégio Estadual Barão do Rio Branco desenvolve suas atividades escolares de segunda à sexta-feira, nos turnos matutino e vespertino, dentro dos seguintes horários: matutino: das 07h30 às 11h50 e vespertino: das 13h30 às 17h50.

O 2º ME é formado por 33 alunos e a faixa de idade desses alunos está situada entre 15 a 16 anos. Ao todo são 17 meninas e 16 meninos. Em sua grande maioria eles são pertencentes à classe média oriundos de bairros mais distantes do estabelecimento. Alguns inclusive moram na região dos Cinco Conjuntos, Zona Norte, ou seja, a mais de 20 quilômetros de distância do Colégio Barão. A grande maioria, no entanto, é morador de bairros mais próximos à área central e das zonas Leste e Sul da cidade.

A título de síntese, é registrado a seguir um panorama dos procedimentos metodológicos adotados na implementação desta pesquisa:

- Reunião preliminar entre o professor e a turma para discussão da proposta de elaboração de um jornal escolar digital.
- Entrega de material didático sobre gêneros textuais, domínios discursivos e gêneros textuais jornalísticos e proposição de leitura silenciosa.
- Proposta de resolução, individual e em grupo, de atividades de aplicação de conhecimentos internalizados.
- Proposição de pesquisa em grupo sobre gêneros textuais jornalísticos, análise coletiva sobre o trabalho.

- Proposta de socialização oral e escrita dos materiais estudados, contendo respostas e conclusões das atividades resolvidas.
- Proposta de criação e planejamento do jornal escolar digital e organização de grupos com suas referidas funções.
- Realização de palestras com profissionais da Educação e da área de jornalismo *online*.
- Reuniões para finalizar a montagem gráfica e editorial do jornal escolar digital e para a sua hospedagem no *site*.

5 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O desenvolvimento do projeto aconteceu em cinco encontros em sala de aula e em outras atividades extraclasse de orientação, pesquisa de tecnologia, visita ao jornalista Valdemir Camargo, proprietário do Jornal União, localizado no Jardim Bandeirantes em Londrina, e em pelo menos outras 20 horas. As atividades podem ser adaptadas em mais encontros, ou mesmo em regime de contraturnos, ficando nesse caso, a critério do professor orientador qual o melhor período que julgar necessário ou à possibilidade e realidade dos alunos e da própria escola. Na sequência, cada encontro foi devidamente relatado e analisado quanto à sua execução e resultados.

PRIMEIRO ENCONTRO

Neste encontro, foram trabalhadas as noções de gênero textual e domínio discursivo através de folhas impressas (Apêndice). Inicialmente, os alunos fizeram uma leitura silenciosa do material sobre a noção de gênero textual.

Em seguida, realizaram atividades em que tiveram que identificar os nomes específicos de gêneros textuais apresentados para a leitura.

Os alunos colocaram em prática os estudos feitos sobre gêneros textuais com base na experiência de leitura e produção de textos e depois analisaram as características que levaram em conta para reconhecer cada gênero - essa ideia foi compartilhada com os demais colegas de classe.

Durante diálogo coletivo, os alunos demonstraram satisfatória compreensão do conteúdo.

A seguir, na figura 5 registram-se as respostas de um dos alunos:

Agora chegou o momento de você pôr em prática seus conhecimentos sobre gêneros textuais.

1 Leia os gêneros textuais a seguir e, com base na sua experiência de leitura e produção de textos, tente escrever o nome específico de cada gênero textual apresentado. Depois, pense nas características que você levou em conta para reconhecer cada gênero e compartilhe essas ideias com os demais colegas de classe.

Texto I mapa geopolítico

Texto II poema

Texto III história em quadrinhos

Texto IV receita culinária

Texto V notícia jornalística

Texto VI texto teatral

Texto VII verbete

Texto VIII ensaio escolar / redação

OK

Figura 5 - Atividade de reconhecimento de gêneros textuais
Fonte: do autor da pesquisa

A resolução dos exercícios aplicados demonstrou que os estudantes, em sua maioria, conseguiram aprender o conteúdo corretamente, pois acertaram o nome dos gêneros: mapa geopolítico, poema, história em quadrinho, receita culinária, reportagem, texto teatral, verbete e ensaio escolar. O texto I refere-se a um mapa geopolítico sobre a localização e nomeação dos bairros de Londrina; o texto II é o poema “Dialética” de Vinicius de Moraes; o texto III é um quadrinho de depositarias: “Você é esquisita, Marciel!” (Patty Pimentinha); o texto IV uma receita culinária (Cocada de Coco Verde); o texto V é uma notícia sobre a intenção do Ministério do Trabalho que pretende inserir 1,7 milhão de aprendizes no mercado de trabalho; texto VI contém fragmentos de *O Pagador de Promessa*, de Dias Gomes; o texto VII traz o verbete “tuitar” do dicionário digital Aurélio; o texto VIII é um ensaio escolar sobre Educação: a chave para a mudança.

Alguns alunos tiveram dificuldades para identificar o gênero textual verbete (texto VII). Quando indagados sobre a razão dessa dificuldade, disseram que não

tinham experiência de leitura desse gênero. A grande maioria dos alunos atribuiu outros nomes como dicionário, confundindo o nome do gênero com o seu suporte, ou seja, o material físico que o carrega.

Na segunda atividade, eles estudaram que os gêneros textuais são muito presentes em nosso cotidiano e servem para organizar a nossa vida diária. Analisaram ainda um relatório com vários exemplos produzidos ou lidos por uma pessoa no decorrer de um dia e depois elaboraram um relatório com dez nomes de gêneros textuais diferentes produzidos ou lidos no transcorrer de um determinado dia, por exemplo. Em seguida refletiram com os colegas da turma sobre a importância dos gêneros textuais como elemento de estruturação de nossas atividades sociais cotidianas.

Na terceira atividade, os alunos tiveram de identificar os domínios discursivos onde foram produzidos os gêneros textuais apresentados na primeira atividade. Os alunos responderam com rapidez e eficiência, conforme a expectativa de resposta apresentada abaixo.

Gênero textual	Domínio discursivo
I Mapageopolítico	Política, Geografia
II poema	Literatura
III História em quadrinhos	Artes
IV Receita culinária	Gastronomia
V Reportagem jornalística	Jornalismo
VI Peça teatral	Teatro, Literatura
VII Verbetes de dicionário	Letras, Comércio
VIII Dissertação escolar	Escola

Figura 6 - Atividade de identificação de domínios discursivos
Fonte: do autor da pesquisa

Na quarta atividade, os alunos aprenderam que cada domínio discursivo produz aproximadamente 200 gêneros textuais. Em seguida, eles escolheram um domínio discursivo entre os já citados ou outros não mencionados e escreveram pelo menos cinco gêneros textuais produzidos em tal domínio. Exemplo: Academia: plano de aula, aula presencial, aula virtual, diário de classe, seminário, resumo, resenha, projeto de pesquisa, artigo científico, relatório de estágio, palestra, requerimento, prova oral, prova escrita, diploma. Pôde-se observar que os alunos assimilaram bem o conteúdo trabalhado e a importância dos gêneros textuais e dos domínios discursivos em nosso dia a dia. Abaixo apresenta-se um registro com respostas para as atividades 2, 3 e 4 e um momento de interação entre professor e alunos.

• Elabore um relatório com, pelo menos, dez nomes de gêneros textuais diferentes produzidos ou lidos por você no transcorrer de um determinado dia, ontem, por exemplo. Depois, reflita com os colegas da turma sobre a importância dos gêneros textuais como elemento de estruturação de nossas atividades sociais cotidianas.

Os gêneros textuais são produzidos nos diversos ambientes ou meios sociais denominados domínios discursivos. Portanto, um domínio discursivo não é texto em si, mas constitui uma comunidade social produtora de gêneros textuais. Exemplos de domínios discursivos: cotidiano familiar/família, escola/colégio, academia (universidade ou faculdade), empresa/comércio, Jornalismo, Literatura, Publicidade, política, religião, mídia digital/virtual, Saúde, Esporte, Artes, Ciência, gastronomia, Sociologia, Engenharia, transporte, Direito, telecomunicações e vários outros.

3 Identifique os domínios discursivos onde foram produzidos os gêneros textuais apresentados na atividade 1.

4 Cada domínio discursivo produz, aproximadamente, 200 gêneros textuais. Escolha um domínio discursivo, entre aqueles já citados ou outro não mencionado, e escreva pelo menos cinco gêneros textuais produzidos em tal domínio. Veja um exemplo:

Academia: plano de aula, aula presencial, aula virtual, diário de classe, seminário, resumo, resenha, projeto de pesquisa, artigo científico, relatório de estágio, palestra, requerimento, prova oral, prova escrita, diploma ...

2. exatas, conversa espontânea, conversa telefônica, notícias jornalísticas, aula presencial, condopio, mensagens de celular, placas de nomes de rua, placas de trânsito, futura de cartão

3. mapa geopolítico → empresa/comércio
 palma → literatura
 história em quadrinho → livros/respostas/jornais
 receita → gastronomia
 anúncio publicitário → site
 redação → caderno
 aula virtual → internet
 notícia jornalística → jornalismo

4) Eletrônica/Digital : Blog, Bate Papo, Foro Blog, E-MAIL,

Figura 7 – Registro de atividades do aluno
 Fonte: do autor da pesquisa



Foto 2 - Alunos estudam e debatem os gêneros textuais e domínios discursivos

SEGUNDO ENCONTRO

No segundo encontro, foram trabalhados com os alunos os gêneros textuais jornalísticos (Apêndice).

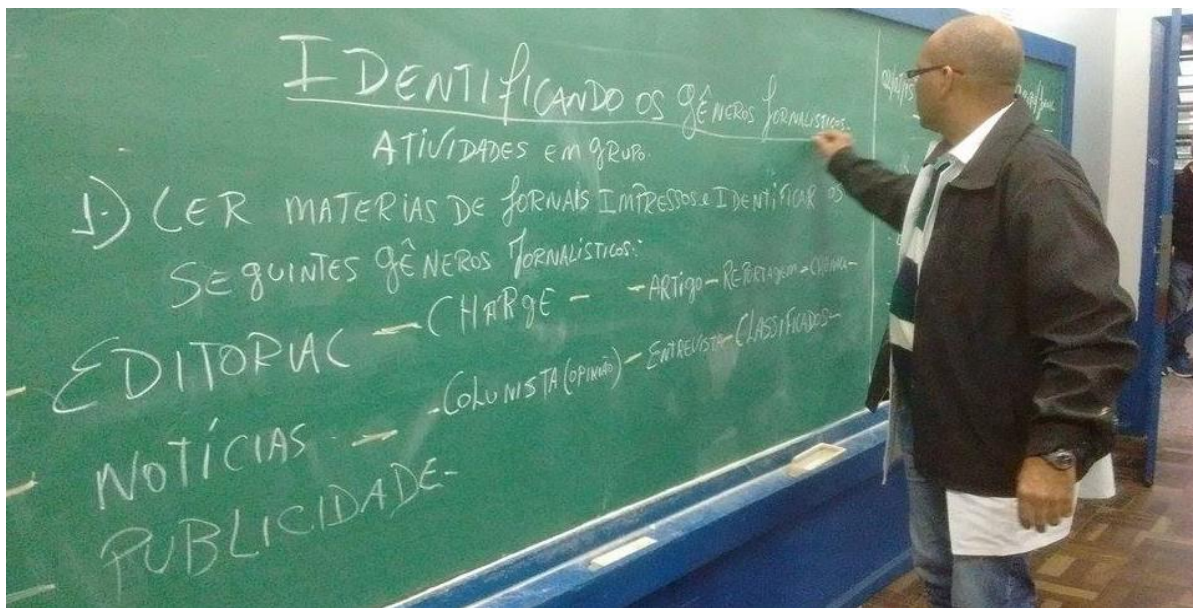


Foto 3 - Atividades de reconhecimento dos gêneros textuais jornalísticos
Fonte: do autor da pesquisa

Na primeira atividade, os alunos estudaram os seguintes gêneros textuais jornalísticos: editorial, foto-legenda, carta de leitor, artigo, entrevista, crônica, notícia e reportagem. Depois de uma leitura criteriosa, os alunos informaram o nome particular que se aplica a cada gênero. Para auxiliar nesta atividade, os estudantes tiveram como apoio uma lista de definições de gêneros textuais. Eles também fizeram uma reflexão sobre as informações em que eles se basearam para atribuir nomes aos gêneros. Em seguida, expuseram à turma suas conclusões sobre gêneros e assim puderam perceber pontos semelhantes e diferentes na identificação dos gêneros textuais. O registro mostrado abaixo revela o bom desempenho conseguido pelos alunos.

Agora vamos testar seus conhecimentos sobre gêneros textuais jornalísticos.

1) Leia com atenção os gêneros textuais apresentados a seguir e informe o nome particular que se aplica a cada gênero. Para auxiliar na resolução da atividade, depois dos gêneros textuais há uma lista de definições para você consultar, se precisar. É importante refletir sobre as informações em que você se baseou para atribuir nomes aos gêneros e expor à sua turma para que todos percebam pontos semelhantes e diferentes na identificação dos gêneros textuais.

Texto I Gênero de opinião (Editorial) ✓

Texto II Gênero de informação (notícia) X

Texto III Gênero de informação (Reportagem) ✓

Texto IV Gênero de utilidade pública (Entrevista) X

Texto V Gênero de opinião - Carta de leitor X

Texto VI Gênero de ilustração foto-legenda ✓

Texto VII Gênero de opinião (Crônica) ✓

Texto VIII Gênero de opinião e (artigo) ✓

Figura 8 - Atividade escrita sobre o nome dos gêneros jornalísticos
Fonte: do autor da pesquisa

Nesse segundo encontro chamaram a atenção as inúmeras indagações dos alunos sobre o que de fato é notícia, reportagem e entrevista. A diferença está em que a notícia se caracteriza por um texto informativo de interesse público, que narra algum fato recente ocorrido no país ou no mundo e cujo conteúdo é constituído por um tema político, econômico, social, cultural, etc. As notícias são veiculadas ao público através da televisão, jornais, revistas e outros meios de comunicação.

A notícia pode vir ou não assinada pelo jornalista autor que relata um fato atual e interessante para um grupo de leitores ou para a sociedade em geral. Seu principal objetivo de produção é informar o leitor sobre os acontecimentos ocorridos e não costuma apresentar comentários críticos ou interpelações pessoais do produtor do texto.

Já a reportagem normalmente vem assinada pelo autor a que relata de maneira mais aprofundada que a notícia, fatos relevantes para o público-leitor. À semelhança da notícia, sua função é informar a comunidade leitora a respeito dos acontecimentos narrados, no entanto diferentemente da notícia, é comum o autor emitir opinião ou comentários subjetivos sobre algo abordado no texto.

Por sua vez, a entrevista embora seja produzida em co-autoria entre entrevistador e entrevistado geralmente com seus nomes identificados, quem assume a autoria é o entrevistador que tem o objetivo de divulgar informações, particularidades, conhecimentos, opiniões, entre outros aspectos, da vida do entrevistado. O entrevistado é quase sempre pessoa de destaque, permanente ou circunstancial, e as perguntas não são todas respondidas com boa vontade e disposição, mas conseguidas com astúcia e tato por parte do entrevistador.

Ao final do encontro, os alunos fizeram uma exposição oral sobre os gêneros textuais jornalísticos, quando demonstraram ter apreendido a importância desses gêneros no funcionamento de um jornal, seja ele impresso ou digital, e sua relevância para o exercício consciente de direitos e deveres na sociedade.

TERCEIRO ENCONTRO

Esse encontro concentrou-se, basicamente na promoção de atividades coletivas e colaborativas para pesquisa de gêneros textuais jornalísticos, reconhecimento de nomes dos gêneros selecionados e intercâmbio de saberes entre alunos, com objetivo de consolidar conhecimentos estudados (Apêndice).

O professor já havia solicitado, em aula anterior, que a turma trouxesse para a classe um exemplar de jornal publicado no decorrer da semana. Atendendo à solicitação, os alunos trouxeram exemplares da Folha de Londrina, Jornal de Londrina e Jornal União. Sob a orientação do professor, os estudantes formaram

grupos de 5 (cinco) ou 6 (seis) integrantes. Cada grupo procurou nos jornais trazidos e selecionados quatro gêneros textuais jornalísticos daqueles que foram estudados (artigo, carta de leitor, crônica, editorial, entrevista, foto-legenda, notícia e reportagem). Os gêneros selecionados foram recortados e colados em papel sulfite.

O professor acompanhou todo esse processo de pesquisa e escolha de gêneros, orientando os alunos, no entanto evitou dar respostas prontas quanto ao nome exato de cada gênero escolhido, de modo a favorecer que os próprios alunos interagissem dentro de suas equipes e compartilhassem conhecimentos e experiências. A foto abaixo registra o empenho dos alunos na atividade.



Foto 4 - Alunos recortam dos jornais impressos os gêneros jornalísticos
Fonte: do autor da pesquisa

Na sequência, cada grupo trocou seu material com outro grupo para que cada um deles escrevesse os nomes dos gêneros textuais presentes no material recebido. Após um tempo, o material foi destrocado e procedeu-se à verificação coletiva de

adequação dos gêneros selecionados e das respostas dos grupos. De uma maneira geral, a turma foi bem-sucedida na escolha dos gêneros e na atribuição dos seus nomes específicos. A ressalva ficou por conta de um dos grupos que, ao escrever os nomes dos gêneros recebidos, confundiu o artigo com o editorial, trocando os nomes, conforme mostra o registro abaixo.

de Moura Castro
Claudio
claudio@casacastro.com.br

Órfãos da profissão

Setenta milímetros? Deve ser próximo de 7 centímetros, não é?

Com uma chave de fenda estreita, o pintor raspava pingos de tinta em um rodapé de granito. Primeiro, a tinta não deveria pingar; segundo, o rodapé deveria estar protegido com fita gomada; terceiro, usava a ferramenta errada.

O jovem instalava drywall, cortando placas com uma serra de metal (sem o arco). Ferramenta errada!

O marceneiro esqueceu um formão na minha casa. Era de má qualidade e estava malcuidado.

As peças de madeira que comprei não foram aplatinadas e lixadas, como combinado. Não eram nem retangulares nem da mesma bitola. Uma se estreitava ao final, e a metade delas, por engrossadas, era inservível. Quem comprar madeira tem ínfimas chances de que as navalhas da plaina da serraria estejam afiadas e sem cicatrizes de preços esquecidos nas tábuas.

Para controlar uma luminária com dois interruptores, examinei ao electricista como era a ligação. A parede ficou impecável, mas, como o pedreiro não sabia ler planta, foi enguida no lugar errado.

****Como reclamar que trabalham mal, se não tiveram chance de aprender certo? Como vituperar contra a baixa produtividade?***

O serrafheiro não veio, como prometeu, pois apareceu outra obra que não queria perder.

Eis uma colagem do que vemos em um amplo segmento de nossa mão de obra. Em suma, falta profissionalismo em todos os níveis. De que são? O profissional sério:

- Cumpre com dedicação as obrigações assumidas (horários, orçamentos etc.).

Se são escassos os verdadeiros profissionais, por alguma razão há de ser. Para entender, exploremos as três maneiras clássicas de prepará-los.

O aprendiz e seu mestre: vem da época medieval a tradição do mestre que recebe jovens, para ensinar-lhes a profissão. Até hoje esse método dá certo, seja com o futuro pedreiro, seja com o doutorando.

No interiorão de Minas, havia uma oficina mecânica cujos 120 funcionários tinham padrão de qualidade europeu, embora houvessem aprendido lá mesmo. O segredo é que, por muitas décadas, foram aprendizes do Chico Alemão, exímio mecânico, do checo Jan Hasek e do Fritz Boetger ("Botija"), engenheiro em um estaleiro de submarinos na Alemanha. O exemplo mostra, justamente, uma condição pétreia: o mestre tem de ser um profissional competente. Se não for, o aprendiz aprende errado ou não aprende, como nos casos citados no início. Sobretudo na construção civil, quem mais sabe ainda sabe pouco. O jovem não tem com quem aprender certo, sem os gestos da profissão nem os valores do profissionalismo.

Cursos de formação profissional: o Senai é uma fórmula de sucesso, havendo sido a matriz de formação dos nossos melhores profissionais. Mas seu alcance é insuficiente. As empresas maiores sagam avidamente seus graduados, sobrando pouco para as pequenas.

Muitos dos outros cursos que andam por aí são desconectados dos reais empregos. Os seus instrutores que não dominam a profissão, às vezes, por se lhes exigirem excessivos diplomas. Em muitos casos, são cursos densos — na Alemanha, a aprendizagem dura 3,5 anos.

Autodidatismo: é possível aprender por conta própria, observando, praticando, lendo, ouvindo vídeos. Porém, a capacidade de autoaprendizado é profundamente determinada pelo nível de educação. Mais aprende sozinho o ofício quem mais aprendeu na escola. Como nossa gente estudou pouco e aprendeu mal, corre o risco de não se preparar para a nossa baixa produtividade, se não prepararmos os profissionais?

26 | 16 DE DEZEMBRO DE 2014 | VEJA

Editorial: - expus sua opinião formalmente de uma coluna atual, com uma intenção persuasiva -
Correção: Bete recortei parte de um artigo

Figura 9 – Registro escrito de erro e correção do nome de gêneros jornalísticos
Fonte: do autor da pesquisa

No entanto, o equívoco foi desfeito pelos próprios colegas de sala que se

manifestaram afirmando poder haver semelhanças de tema, função, organização e linguagem entre os dois gêneros, porém diferem em relação à seção do jornal em que cada um aparece e, sobretudo, porque o editorial é de autoria da equipe de redação do jornal e não vem assinado, enquanto o artigo é produzido e assinado por alguém - normalmente uma autoridade no assunto abordado - não pertencente ao corpo editorial do jornal.

Ao final do encontro, quando o professor abriu a palavra para a manifestação dos alunos a respeito da contribuição da atividade proposta, eles destacaram como aspecto principal o fato da participação individual ativa e em colaboração com os colegas.

QUARTO ENCONTRO

Nesse quarto encontro, os alunos realizaram, de modo solidário e interativo, atividade de análise aprofundada de características marcantes dos gêneros jornalísticos em estudo, com vista à maior apropriação desses gêneros.

O professor distribuiu uma folha impressa para cada aluno, com um quadro-síntese dos traços característicos da reportagem jornalística, contendo informações sobre cinco dimensões: contexto de produção e recepção; tema/conteúdo; objetivo/função; organização/estrutura; linguagem/estilo (Apêndice).

Após breve explicitação, o professor formou 7 grupos com média de 4 integrantes cada, indicou um gênero jornalístico para cada grupo (artigo, carta de leitor, crônica, editorial, entrevista, foto-legenda, notícia) e solicitou o registro escrito de levantamento dos traços característicos do gênero indicado, para posterior exposição oral à turma.

Os alunos puderam recorrer ao material utilizado em aulas anteriores e dialogar com colegas de outros grupos, a fim de se auxiliarem no trabalho.

A apresentação das respostas demonstrou que a atividade foi bem produtiva,

pois os grupos elaboraram análises detalhadas e eficientes dos gêneros, conforme pode ser verificado no registro de um dos grupos, apresentado abaixo.

1 Com base no estudo que a turma realizou até o momento cada equipe deve elaborar um quadro-resumo com informações sobre os traços característicos que, em geral, o gênero textual indicado contém e que devem ser dominados pelo produtor e leitor desse gênero.

Traços característicos	Gênero textual
a) nome específico	Notícia
b) contexto de produção e recepção <ul style="list-style-type: none"> • autor • leitor previsto • suporte (material físico que carrega o gênero) • tempo de produção • local de produção • evento deflagrador da produção 	<ul style="list-style-type: none"> • jornalista • leitor do jornal • Papel do jornal ou site, televisão e revistas • No momento em que o fato acontece • No local do ocorrido • Necessidade de escrever para informar a todos sobre os aconteci
c) tema/conteúdo	tema político, econômico, social, cultural entre outros
d) objetivo/função	informar, sem ter um comentário crítico.
e) organização básica/estrutura	título, lide, corpo e assinatura
f) linguagem adequada	formal, em 3ª pessoa e extensão breve

Figura 10: Levantamento de traços característicos de gêneros textuais jornalísticos pelos alunos
Fonte: do autor da pesquisa

Quando indagados pelo professor sobre o que facilitou o trabalho, os alunos

foram unânimes em apontar o material didático usado nas aulas e a interação com os colegas e o próprio professor.

QUINTO ENCONTRO

No quinto encontro, o professor lançou aos alunos a provocação de aproveitarem as experiências vivenciadas sobre gêneros textuais jornalísticos para, de forma colaborativa, criar um jornal digital da própria turma, com o objetivo de prestar relevante serviço à comunidade escolar e extraescolar (Apêndice). A aceitação foi total e imediata.

Então, o professor ressaltou a importância do comprometimento efetivo de todos os alunos para o bom planejamento e execução do trabalho. A turma toda manifestou prontamente sua adesão. Com isso, a classe passou a deliberar sobre o nome do jornal que, depois de votação, ficou “Jornal Barão” em homenagem ao Colégio.



Foto 5 - Alunos votam e escolhem Jornal Barão (JB) como nome do jornal escolar digital
Fonte: do autor da pesquisa

Em seguida, o professor dividiu a turma em grupos, conforme as funções necessárias para a produção do jornal:

a. **grupo de tecnologia e design:** alunos responsáveis pelas ferramentas tecnológicas a serem utilizadas para pôr o jornal no ar e sua manutenção (hospedar o jornal na *Internet*, criar *links* e ícones, inserir textos, imagens e sons, entre outras ações) e pelo projeto gráfico (cuidar do visual do jornal, criar a página inicial, diagramar textos e outras tarefas);

b. **grupo de pauta:** alunos responsáveis pela busca e definição de assuntos, fatos, entrevistas e eventos significativos para virarem matérias do jornal, tendo em vista o interesse do público-leitor.

c. **grupo de produção textual/redação:** alunos responsáveis pela elaboração e recepção dos gêneros textuais jornalísticos a serem publicados no jornal (artigo, carta de leitor, crônica, editorial, entrevista, foto-legenda, notícia e reportagem);

d. **grupo de fotografia e ilustração:** alunos responsáveis por produzir fotos e ilustrações para as matérias;

e. **grupo de divulgação de eventos:** alunos responsáveis por buscar e divulgar informações sobre acontecimentos de interesse da comunidade leitora do jornal, por exemplo, projetos educacionais, concursos, vestibulares, palestras, feira de profissões, fóruns, peças teatrais, filmes, exposições de arte, festivais de música e outros.

f. **grupo de revisão:** alunos responsáveis pela verificação da adequação de vários aspectos envolvidos no jornal: *layout* da página inicial, qualidade e autenticidade dos conteúdos dos textos a serem publicados, correção linguística dos textos, entre outras tarefas. Também a equipe pode ficar encarregada de responder aos *e-mails* enviados ao jornal.

Cada grupo passou a se reunir periodicamente para levantar as demandas de atividades, dialogar e distribuir as tarefas. Também houve reuniões conjuntas dos grupos com o professor para avaliação do desenvolvimento geral do trabalho e ajustes de eventuais pontos em dissonância.

Optou-se por não descrever as diversas deliberações ocorridas em cada reunião das equipes específicas ou em cada reunião geral, porque demandaria muito espaço desta dissertação e o texto ficaria demasiadamente extenso. Todavia importa destacar que a produção do jornal escolar digital - por ser um empreendimento complexo e envolver muitas pessoas com seus pensamentos, suas expectativas, seus sentimentos, suas disposições, entre outros aspectos psicossociais - suscitou desafios, divergências, conflitos, impasses, enfim, obstáculos de diferentes naturezas. Por isso, durante todo o processo de trabalho, o professor procurou estar sempre atento e à disposição das equipes para mediar situações embaraçosas, promovendo o diálogo e o ânimo, a fim de dar sustentabilidade às relações interpessoais entre os alunos e à execução do projeto do jornal.

Para ajudar na criação do jornal escolar, os alunos tomaram iniciativas como: visitaram o Jornal União - jornal *online* local em atividade e que circula de forma impressa e digital, quando convidaram para uma palestra o jornalista Henrique Reis; solicitaram apoio de profissionais de informática do Colégio Barão, entre outras.



Foto 6 - O jornalista Henrique Reis palestra aos alunos
Fonte: do autor da pesquisa

Pode-se afirmar que o projeto de criação do jornal escolar digital conseguiu resultados positivos: os alunos elaboraram com bom nível de eficiência os gêneros textuais jornalísticos explorados em sala e produziram o jornal digital: Jornal Barão, conforme pode ser atestado no *link* de acesso:<https://pt.calameo.com/read/00464808540b3c8ccfff>); participaram de forma ativa, entusiasmada e colaborativa – lendo, refletindo, dialogando, escrevendo – durante todo o processo de desenvolvimento do projeto; exerceram protagonismo e cidadania ao escrever sobre temas de seus interesses e relevantes socialmente; interagiram com pessoas de dentro e fora do colégio, expondo pensamentos, informações, sentimentos e opiniões.

Portanto, os resultados obtidos demonstram a validade da proposta desta dissertação, de criação de um jornal escolar digital, como ferramenta tecnológica e pedagógica para promover o interesse dos alunos para as atividades de leitura e produção de textos num ambiente interativo e colaborativo.

Com a finalidade de demonstrar uma parcela dos resultados alcançados, incluem-se a seguir dois dos sete gêneros textuais jornalísticos elaborados pelos alunos, sob a orientação do professor: uma entrevista com a diretora do Colégio Barão Jessica Pieri e também uma reportagem sobre a importância do Enem.

1 Entrevista com a diretora do Colégio Barão com a diretora do colégio Barão do Rio Branco, Jéssica Pieri

Barão se moderniza pedagógica e estruturalmente

ENTREVISTADORES: Com todas as mudanças que já ocorreram, o que você espera do Barão daqui para frente?

DIRETORA: Eu espero alcançar o primeiro lugar no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), porque este é o reconhecimento do esforço de cada aluno e professor visando melhorar a infraestrutura do colégio. Penso que nós já avançamos bastante, mas pretendo melhorar ainda mais, espero que o Barão cresça, com espaços diferentes como a sala de vídeo (em que temos

ar-condicionado e podemos utilizar projetores para apresentações de trabalhos ou aulas extras) para que docentes e estudantes sintam-se confortáveis e ampliem essa sede de conhecimento no Barão.

E: Ainda sobre a infraestrutura do colégio, quais mudanças você pretende fazer?

D: Eu recebi sugestões em fazer uma praça no fundo da escola para melhorar a nossa infraestrutura. Eu tenho o sonho de que essa escola tenha ar-condicionado em todas as salas, o que é muito difícil, pois em algumas escolas o governo já providenciou, mas infelizmente o Barão ainda não foi atendido. Os dois aparelhos de ar-condicionado que nós temos estão na secretaria, mas a fiação provavelmente aguentaria somente para a biblioteca, sala dos professores e equipe pedagógica. Mas se instalarmos em todas as 15 salas, seremos obrigados a promover mudanças no padrão de força da Copel. Entretanto penso que se todos entendermos que a mudança é melhor, vamos fazer promoções e aí a gente consegue mudar. Se ficássemos esperando tudo do governo, a metade do que fizemos ainda hoje não teria acontecido.

E: Qual a estimativa de custos para instalação de ar-condicionado em todos os ambientes?

D: A troca do padrão (relógio de força da Copel) não é barata. A Copel ainda teria que fazer uma mudança na fiação elétrica da rua e trazer essa nova fiação para o colégio. Dessa forma, o caro não é comprar os aparelhos. Até porque poderíamos mobilizar os pais, alunos, professores e funcionários, e com promoções como a venda de pizzas ou uma festa, bingos ou algo do tipo, nós conseguiríamos arrecadar fundos suficientes para a aquisição dos aparelhos, mas a instalação e a troca de fiação praticamente inviabilizam esse projeto. Daí a necessidade de o estado efetivamente assumir essas mudanças elétricas.

E: Como você se sente exercendo a função de diretora do Barão por esse tempo ?

D: Esses meus quatro anos foi a minha primeira experiência na direção. Eu gosto da parte administrativa. Além disso, o Barão sempre foi um colégio bem conceituado e principalmente fortalecido, mais foi a unidade com a comunidade escolar o ponto chave para conseguir fazer minhas mudanças propostas além do que estava no papel, então me sinto bem satisfeita.

E: A transposição de professora para diretora foi muito radical?

D: Em 20 anos como professora de História posso dizer que é radical em relação à responsabilidade, porque quando se está em sala de aula, você não depende de mais ninguém; é você com seus alunos, aqui não. É preciso ter sensibilidade para administrar todos os setores e ainda entender o lado de cada um; escutar e fazer com que as pessoas aceitem as mudanças, a fim de que as melhoras beneficiem toda a comunidade escolar.

2 Reportagem sobre a importância do Enem**Enem garante acesso às universidades públicas e privadas**

O futuro de milhares de jovens pode ser decidido em provas de avaliação através do Enem que pode abrir as portas para uma universidade pública e privada. O Enem é um programa que oferece universidade para todos, dependendo de capacidade e dedicação do candidato. O exame nacional do ensino foi criado em 1998 pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), com o objetivo de avaliar a qualidade do Ensino Médio no Brasil. Durante o governo Lula (PT), no período de 2003 a 2010, o programa sofreu alterações e as vagas foram ampliadas com a entrada de universidades estaduais como a Universidade Estadual de Londrina (UEL) através do SISU.

Com o programa ProUni, é possível a qualquer pessoa entrar em uma faculdade particular, ganhando até 100 por cento da bolsa de estudos; bem como o FIES, programa que permite ao estudante financiar a sua faculdade.

Além disso, desde 2009 também é possível através do Enem obter a conclusão do Ensino Médio. Para isso, o candidato deve obter 450 pontos, no mínimo, em todas as áreas de conhecimento. Em 2015, foram 7.746. 436 pessoas

inscritas no Enem.

A prova é dividida em cinco partes, sendo elas: quarenta e cinco questões de Ciências da Natureza, quarenta e cinco questões de Ciências Humanas, quarenta e cinco questões de Linguagens e Códigos, quarenta e cinco questões de Matemática e Redação, o que totaliza 180 questões, divididas em dois dias de provas. No primeiro dia, são quatro horas e meia de prova. No segundo dia, os candidatos contam com uma hora a mais em função da redação.

O Enem é o maior exame educacional do Brasil e está em segundo lugar mundialmente - só perdendo para a China - e vem crescendo e proporcionando aos jovens mais oportunidades de acesso a Educação a cada ano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seção introdutória desta dissertação, delimitou-se como questão de pesquisa: Quais diretrizes professores e alunos precisam conhecer para criar um jornal escolar digital? Com respaldo na explicitação do aporte teórico utilizado (Educomunicação e Teoria dos Gêneros Textuais), na caracterização metodológica (pesquisa de campo, bibliográfica, descritiva, experimental e analítica), na aplicação do produto educacional (Apêndice) e na descrição e análise dos resultados obtidos, acredita-se ter apresentado e discutido orientações plausíveis para a criação de um jornal escolar digital, como recurso tecnológico e didático para a elaboração de textos no âmbito da educação escolar, com foco no Ensino Médio.

Com esta pesquisa, pretendeu-se alcançar dois objetivos: 1) elaborar e aplicar um conjunto de diretrizes teóricas e práticas sobre gêneros textuais jornalísticos e ferramentas tecnológicas para a criação de um jornal escolar digital a fim de despertar nos estudantes do Ensino Médio o interesse pelas atividades de leitura e produção de textos, com a promoção de um ambiente interativo e colaborativo para a aprendizagem; 2) analisar os resultados da implementação do material didático proposto. Com efeito, todo o percurso teórico, metodológico e analítico empreendido nesta dissertação confirma que esses objetivos foram atingidos.

Foi elaborado e aplicado um material didático – produto educacional – com estudos teóricos e atividades práticas sobre oito gêneros textuais jornalísticos (artigo, carta de leitor, crônica, editorial, entrevista, foto-legenda, notícia e reportagem) e com delineamentos para a montagem de um projeto de jornal escolar digital. A análise mostrou que os resultados foram produtivos, pois os alunos manifestaram motivação para a aprendizagem, empenho e espírito de cooperação na realização das atividades, elaboraram gêneros textuais jornalísticos de boa qualidade e criaram o jornal escolar digital Jornal Barão (JB). Nesse sentido, a utilização funcional da informática na educação pode contribuir para a (re) construção dos sujeitos humanos, das práticas sociais, das linguagens, da vida, enfim, nos diversos setores da sociedade, com destaque aqui para a escola.

Em razão do caráter desta pesquisa, o professor pesquisador passa a tecer outras reflexões implicadas no processo e que considera pertinentes.

Em meados de junho de 2014, o pesquisador estava disputando uma das vagas para o curso de mestrado da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Londrina. Aprovado após rigorosa seleção de candidatos, até então não imaginava o quanto as aulas na Academia iriam influenciar na sua prática pedagógica. Aliás, os professores-doutores e seus conteúdos inovadores foram importantes para que o pesquisador alcançasse os objetivos propostos nessa tese de mestrado.

Não se pode afirmar que um projeto acadêmico, por mais bem elaborado que se acredite, esteja completo e não mais precise de adendos. Ao pensar a criação dessas diretrizes, inicialmente chamadas de manual, imaginava a sua elaboração e execução ser algo bem mais simples e não complexo. Mas só no dia a dia da vida acadêmica e com as leituras diárias é que pôde sentir e afirmar que a realidade, além de ser outra, é muito mais dura.

Não se pretendeu com o projeto dar uma formação jornalística aos alunos. Ao contrário, o objetivo era justamente o de despertar o gosto pela leitura e pela produção de texto a partir de estudos sobre gêneros textuais jornalísticos que, de algum modo, influenciam a vida dos alunos.

Até iniciar as atividades sobre os gêneros textuais era nítida a falta de interesse pela leitura e pela produção de texto em grande parte dos alunos da turma participante da pesquisa, a exemplo do que ocorria também nas demais salas de aulas de outros colégios onde o pesquisador lecionava. A princípio, falar em leitura e produção de texto parecia soar como algo ruim, desestimulante e, pior, sem graça para os estudantes. Invariavelmente as tentativas de se mudar esse quadro de desinteresse esbarravam na concepção de vários alunos de que ler e escrever eram coisas enfadonhas, cansativas e chatas. Foi diante desse quadro de desinteresse que o pesquisador iniciou as atividades, ensinando sobre os gêneros textuais.

Pode-se dizer, no entanto, que desde o seu início o projeto de criação de um jornal escolar digital despertou interesse nos alunos. Com as aulas teóricas, aos poucos eles foram se familiarizando com os gêneros textuais e domínios discursivos.

O uso de recortes de jornais e revistas também possibilitou que os estudantes lessem uma variedade de textos sobre diversos assuntos como política, esportes, educação, saúde, comportamentos sociais, entre outros. Chamou a atenção o fato de que, a partir deste momento, os estudantes demonstraram real interesse pela leitura de fatos jornalísticos que, ao final dos encontros, motivavam debates acalorados em sala de aula, necessitando a intervenção do professor.

Dessa forma, o projeto atingiu o intuito de tornar prazerosa a leitura e a produção de textos pelos alunos. Isso pôde ser notado também nas respostas às questões dissertativas nas provas de Sociologia elaboradas pelo professor pesquisador. Até a execução desse projeto, as respostas a essas questões geralmente eram entregues em sua grande maioria em branco. Além disso, os alunos se mostraram mais críticos em relação a temas da atualidade, não só durante os debates como também nas respostas dadas nas avaliações.

Por fim, ressalta-se o fato de que a produção de um jornal escolar digital se revelou uma possibilidade concreta de inserção contextualizada e proveitosa de tecnologias informacionais no ensino escolar, conforme sustentado no decorrer desta dissertação.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos: notícias e carta de leitor no Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.

ANHUSSI, E. C. **O uso do jornal em sala de aula: sua relevância e concepções de professores**. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2009.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1953].

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total: Mitos-Ironias do Virtual e da Imagem**. Porto Alegre (RS). Editora Sulina. 2005.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005, p. 19-46.

_____. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização de Angela Paiva Dionisio e Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2011.

BONINI, A.. **Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem**. RBLA, Belo Horizonte. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n1/v11n1a09.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

_____. **Mídia/Suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2014.

_____. As relações constitutivas entre o jornal e seus gêneros: relato das pesquisas do 'Projeto Gêneros do Jornal'. In: BRAGA, S.; MORITZ, M. E. W.; REIS, M. S.; RAUEN, F. J. (Org.). **Ciências da linguagem: avaliando o percurso, abrindo caminhos**. Blumenau: Nova Letra, 2008. p. 21-45.

_____. **A relação entre prática social e gênero textual: questão de pesquisa e ensino**. Veredas (UFJF), v. 11, n. 2, p. 1-21, 2007. Disponível em: <<http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes.html>>. Acesso em: 2016.

_____. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. **D.E.L.T.A.**, v. 19, n. 1, p. 65-89, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-4450&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 dez. 2015.

_____. Em busca de um modelo integrado para os gêneros do jornal. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (Org.). **Gêneros textuais e referência**. Fortaleza, CE: Grupo Protexoto, 2004 [2001]. (livro em cd-rom).

BRASILESCOLA. **Educomunicação**. 2015. Disponível em: <<http://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/educomunicacao.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

BUENO, T. **Classificação dos gêneros jornalísticos**. Disponível em: <http://jornalismo.ufma.br/thaisa/files/2011/03/aula_generos_jornalisticos_pdf.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2015.

_____. **Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2011.

COX, K. K. **Informática na educação escolar**. 2. ed. Campinas: Autores Associados. 2008. (Coleção Polemicas do Nosso Tempo).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, A. V.; BAZARIM, M. (Orgs.). **Interação, gêneros e letramento**. São Paulo: Pontes, 2013.

KOCH, I. G. V; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias para produção textual**. São Paulo: Contexto, 2012.

LIMA, Â. M. S. (organizadora). **Sugestões didática de ensino de sociologia**. Londrina. UEL, 2012.

MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **A questão do suporte dos gêneros textuais: língua, linguística e literatura**, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: BEZERRA, M. A.; DIONISIO, Â. P.; MACHADO, A. R. Gêneros textuais e ensino. 2ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARQUES DE MELLO, J.; ASSIS, F. (Org). **Generos jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campos: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

_____. J. L. B. **renovador do ensino de jornalismo no Brasil**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v.1, n.1, p.26-40, Disponível em: <<http://www.fnnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

NASCIMENTO, E. L. **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. São Carlos, SP: Claraluz, 2009.

ROJO, R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, G. J. F. **Elementos de argumentação na produção de gêneros textuais no ensino médio**. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina. PR. 2013.

_____. O gênero textual acadêmico unidade didática. In: ANDRADE, M. A. B. S. de; ROCHA, Z. F. D. C. **Propostas didáticas inovadoras: as TIC no ensino de ciências**. Maringá, Massoni, 2014.

SOARES, I. de O. **Mas, afinal, o que é Educomunicação?** 2010. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf> />. Acesso no dia 16 nov. 2014.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas,SP: Mercado das Letras, 2004.

SOUZA, L. V. Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial. In: DIONISIO, A. P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

TAJRA, S. F. **Informática na educação: professor na atualidade**. São Paulo: Érica, 1998.